

SABEDORIA ... SONHAR ... SABEDORIA

Tea Frigerio
t_frigerio@hotmail.com

RESUMO: O título: *Sabedoria ... Sonhar ... Sabedoria* é o fio condutor do artigo que é provocado pelos sonhos de Papa Francisco expresso na Exortação Pós Sinodal: *Querida Amazônia. Sonhos que são pontes entre a Sabedoria dos Povos amazônidas, originários e atuais e a Sabedoria das Ecofeministas do passado e do presente. O escrito convida abrir uma brecha sobre o sonho/utopia Amazônico, a reencontrar o sonho/utopia na Exortação Querida Amazônia, embora com olhar ainda principiante. A Sabedoria dos Povos originários tão presente no texto resgata a Sabedoria presente no Texto Sagrado que é hoje Caminho de Sabedoria percorrido pelas Ecofeministas.*

ABSTRACT: *Wisdom ... Dream ... Wisdom is the connecting thread of the article that is provoked by the dreams of Pope Francis expressed in the Pos Sinodal Exhortation: Dear Amazonia. Dreams are the bridges between the Wisdom of the original and actual Amazonian Peoples, and the Wisdom of the Ecofeminists of the past and the present. This writing invites an opening of a space about the utopian dream of Amazonia and a meeting of the utopian dream in the Dear Amazonia Exhortation, even with a beginning glance. The Wisdom of the original Peoples so present in the text retrieves the Wisdom present in the Sacred Text that today is the Pathway of Wisdom traveled by the Ecofeminists.*

ESPAÇOS ENTRE AS PALAVRAS

Abro a partilha das minhas reflexões confessando: o Sínodo da Amazônia mantinha minha inspiração numa letargia esperando não sei o que... talvez a feminista em mim esperava... Ainda agora que saiu a Exortação “Querida Amazônia” não sei, então deixo meu pensar-sonhar-fluir na esteira de Papa Francisco:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja

ouvida e sua dignidade promovida. Sonho com uma Amazônia que reserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana. Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas. Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos. (QAm 7)

Sonho buscando inspiração:

Havia uma vez a Sabedoria. A Sabedoria já existia, ela estava onipresente, com toda a intensidade e todo o desejo de tudo que existia. E, uma vez que a Palavra fosse dita, a Sabedoria, e somente ela, mergulhou nos espaços entre as palavras, abençoando o silêncio do qual nascem novas palavras. Agora como era no princípio, a Sabedoria está escutando toda criação para que possa falar. Somente ela sabe algo de suas possibilidades. Lucy Tatman. (SCHUSSLER 2009, p. 36).

A ecologia é o estudo de como a Terra funciona, ou seja, as relações que interligam todos os moradores da nossa Casa Comum. (CAPRA, 2003, p. 20).

Aprendendo com os povos nativos, podemos contemplar a Amazônia, e não apenas analisa-la, para reconhecer esse precioso mistério que nos supera; podemos amá-la, e não apenas usá-la, para que o amor desperte um interesse profundo e sincero; mais ainda, podemos sentir-nos intimamente unidos a ela, e não só defendê-la: e então a Amazônia tornar-se-á nossa como uma mãe. Porque se «contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres». (QAm 55).

SENTIR-PENSAR-AGIR

O pensamento ecológico nos convida a viver a vida como uma rede de relações, rede que forma o ecossistema. O pensamento ecológico aponta para elaboração de novos paradigmas. Entre estes os nossos Textos Sagrados.

O paradigma ecológico reconhece que a natureza é **sujeito**, é uma *SER* e que os seres humanos fazem parte dela. A criação possui um valor intrínseco que nos permite estabelecer um contato com o Divino. É neste âmbito que emerge a contribuição da ecoteologia, um sentir-pensar-agir sobre a inter-relação do Divino-Criação-Humanidade. O paradigma ecológico deve gestar-se a partir da eco-sabedoria que permita conhecer e compreender os ritmos da oikos e, assim facilitar a convivência. Eco-sabedoria que vai tecendo unidade a partir da diversidade da vida; que bebe as fontes das tradições e cosmovisão dos povos indígenas, dos afrodescendentes, dos amazônidas resultado da mestiçagem entre os povos que aqui migraram e a vislumbra novos estilos de vida apresentados pelos grandes mestres espirituais. Eco-sabedoria é mística baseada na austeridade e não violência, na gratuidade e no serviço, no cuidado e na compaixão, na busca de uma autêntica espiritualidade e ética ecológica. Uma consciência ecológica radical que nos levará às raízes, ajudando-nos a construir uma maneira nova de inter-relacionamento com tudo. Interrelação informada pela não-violência que é a abolição de toda opressão tanto pessoal como estrutural: os objetivos humanos não podem ser alcançados por meios desumanos.

Os grupos humanos, seus estilos de vida e cosmovisões são tão variados como o território, pois tiveram que se adaptar à geografia e aos seus recursos. Não são iguais as aldeias de pescadores às de caçadores, nem as aldeias de agricultores do interior às dos cultivadores de terras sujeitas a inundações. Além disso, na Amazônia, encontram-se milhares de comunidades de indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos e habitantes das cidades que, por sua vez, são muito diferentes entre si e abrigam uma grande diversidade humana. Deus manifesta-Se, reflete algo da sua beleza inesgotável através dum território e das suas características, pelo que os diferentes grupos, numa síntese vital com o ambiente circundante, desenvolvem uma forma peculiar de sabedoria. Quantos de nós observamos de fora deveríamos evitar generalizações injustas, discursos simplistas ou conclusões elaboradas apenas a partir das nossas próprias estruturas mentais e experiências. (QAm 32).

Os princípios da ecoteologia são um conjunto de convicções religiosas e ao mesmo tempo uma espiritualidade que afirma a importância do respeito pela a terra e de todos seus habitantes, usando-se somente os recursos que são necessários, reconhecendo os direitos de todas as formas da vida, e reconhecendo que tudo que existe é parte de um todo.

Os ritos, a crença e as expressões religiosas, espirituais, celebrativas e místicas valorizam as formas mitológicas do povo, os rituais cuja centralidade é o cuidado do corpo: corpo terra, corpo seres vivos, corpo humano. Rituais que lembrem constantemente o valor sagrado de todos os tipos de vida. A ecoteologia a partir da Amazônia leva compreender-nos como parte da criação, com ligações inseparáveis dos seres humanos com o planeta, em dependência de todos os seres vivos, humanos e não humanos. Vivemos numa teia de vida. Tornamo-nos humanos na medida em que descobrimos e nos ligamos a essa maravilhosa cadeia de vida que é o planeta terra, manifestado aqui na Amazônia.

A compreensão mais espiritual-teológica da Amazônia nos leva a uma mudança de foco. Leva-nos a refletir acerca da sobrevivência das plantas, dos animais e dos seres humanos, conduzindo-nos à construção de “um modo de vida sustentável”, em quatro dimensões: ambiental (preservação da vida), social (integração e convivência), mental (ética e espiritualidade) e integral (vida plena para cada um, cada uma e para todos) (CASTRO, 2018, p. 39).

A inculturação eleva e dá plenitude. Sem dúvida, há que apreciar esta espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de todo o criado, espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom, espiritualidade de sacra admiração perante a natureza que nos cumula com tanta vida. Apesar disso, trata-se também de conseguir que esta relação com Deus presente no cosmos se torne cada vez mais uma relação pessoal com um «Tu», que sustenta a própria realidade e lhe quer dar um sentido, um «Tu» que nos conhece e ama:

«Flutuas sombras de mim, madeiras mortas.

Mas a estrela nasce sem censura

sobre as mãos deste menino, especialistas

*que conquistam as águas e a noite.
Bastar-me-á saber
que Tu me conheces
inteiramente, ainda antes dos meus dias». (QAm 73)*

SOMOS ÁGUA

Viver na Amazônia é estar conscientes que somos água. Que nossa vida segue sob os ritmos das enchentes e vazantes. Que parte de nossa alimentação típica brota dos rios com uma variedade imensa de peixes e frutos das águas. Nosso sentido de estética, do belo está ligado às águas. Para nossos antepassados indígenas e negros os deuses, as divindades moram no fundo das águas. Navegando sobre os rios, o modo mais típico de viagens na Amazônia, aprendemos a ser contemplativos: encher os olhos das águas, do verde da floresta, da imensidão do horizonte. Não somente somos água em nossa composição bioquímica nosso ser corpo-espiritual brota e vive das águas. Pachamama, ventre, útero que nos acolhe e nos gera para vida, nela vivemos nove meses mergulhados/as nas entranhas maternas para compreender fundamentalmente que água é vida. Nossa herança cristã nos mergulha na água do batismo para revestirmos de Cristo, nova criatura, inseridos/as numa interrelação filial: Abbá-Mãe-Pai. Ser amazônida é compreender a **dimensão hídrica** de nossa vida, adquirir as sabedorias e fertilidade dos rios que no seu caminho rumo ao oceano, nos aponta para a meta fundamental de nossa vida: o Amor, oceano infinito que é o Divino. Ser amazônida é aprender navegar, descobrir o caminho a seguir, aprender a paciência das marés, da pesca, aprender a contemplação que se renova em cada fluxo de água do grande rio. É banhar-se, renovar-se constantemente do calor cansativo da vida, da sujeira material e espiritual que se gruda em nós nas labutas e desmandos da vida.

Na região amazônica onde água e céu se encontram; onde o verde da mata se confunde com o azul do céu; onde a vida é marcada pelo ritmo da maré; onde, apesar da tecnologia, as pessoas ainda se integram com a natureza; onde a tradição indígena, negra, lusitana, nordestina deixaram uma marca profunda; onde os

espíritos, os encantados, os encostados, o saci-pererê, a matinta pereira e o boto são realidades vivas para o povo.

A relação mística que o povo indígena tem com a natureza. A relação mística que o ribeirinho tem com o rio, as marés ... a relação mística que o agricultor tem com o solo. A relação mística que as mulheres têm com a vida. A relação mística ... Deixo vocês continuarem esta ladainha.

Na Amazônia, a água é a rainha; rios e córregos lembram veias, e toda a forma de vida brota dela ... As existências derivam numa alternativa dolorosa de vazantes e enchentes dos grandes rios. Estas alteiam-se sempre de um modo assombrador. O Amazonas referto salta fora do leito, levanta em poucos dias o nível das águas. A enchente é uma paragem na vida ... A vazante é o verão. É a revivescência da atividade rudimentar dos que ali se agitam, do único modo compatível com uma natureza que se excede em manifestações dispares tornando impossível a continuidade de quaisquer esforços. A água encanta no grande Amazonas, que abraça e vivifica tudo ao seu redor:

*«Amazonas,
capital das sílabas d'água,
pai patriarca, és
a eternidade secreta
das fecundações,
chegam-te rios como pássaros». (QAm 43-44).*

Na Amazônia não há como não lembrar que somos água, rios. Que nossa vida segue sob os ritmos das enchentes e vazantes e isso exige contextualizar a teologia. Em que sentido, podemos usar o termo? Como esta perspectiva pode se tornar o chão, a trilha através da qual nos inserimos na realidade Amazônica? Aprofundar e contextualizar a teologia da criação, a partir do contexto amazônico, como uma resposta ao sofrimento ecológico, humano e a injustiça que prevalece neste bioma. Saborear, vivenciar os dons oferecidos pelas tradições indígenas, sincréticas e interculturais. Vivenciar, curar os corpos e o corpo da terra nos rituais, celebrações, pajelanças e bênçãos, na luta pela libertação e reconciliação da humanidade com a terra. Aprender uma espiritualidade ecológica como estilo de vida que correlacione o

Bem-Viver com o Evangelho da Nova Criação, que honre toda a criação, com todas as formas de vida. A Teologia Amazônica é contextual porque se situa em um contexto tanto geográfico como histórico específico. Geograficamente situa-se num dos espaços mais ricos de biodiversidade e de diversidade de povos originários. Historicamente, se localiza em um tempo em que as questões sobre a destruição das florestas, pairam sobre um grande número de criaturas e sobre os seres humanos que aqui vivem, sobre o planeta e a humanidade.

Além disso é a coluna vertebral que harmoniza e une: «O rio não nos separa; mas une-nos, ajudando-nos a conviver entre diferentes culturas e línguas». Embora seja verdade que, neste território, há muitas «Amazônias», o seu eixo principal é o grande rio, filho de muitos rios: «Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende, e traça trêmula um risco na pele antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer. A cada instante ele nasce. Desce devagar, para crescer no chão ... Águas subterrâneas afloram para abraçar-se com a água que desceu dos Andes. De mais alto ainda, desce a água celeste. Reunidas elas avançam, multiplicadas em infinitos caminhos, banhando a imensa planície ... É a Grande Amazônia, toda ela no trópico húmido, com a sua floresta compacta e atordoante, onde ainda palpita, intocada pelo homem, a vida que se foi urdindo nas intimidades da água ... (QAm 45).

RESISTÊNCIA AO 'PODER SOBRE'

As teorias pós-coloniais analisam os efeitos da colonização nas culturas e nas sociedades. Pós-colonialismo é uma ferramenta teórica utilizada para interpretar, ler e criticar as práticas culturais do colonialismo. Como teoria centra-se sobre a questão da raça no contexto do colonialismo e demonstra como a ótica racial possibilitou as potências coloniais de representar, refletir, visualizar as culturas nativas de forma preconceituosa, considerando-as inferiores. A colonização em suas várias formas criou sua própria representação desigual tanto da cultura como dos nativos. Pós-colonialismo é, portanto, um termo dado para uma abordagem teórica crítica em estudos literários, culturais e teológicos que de-

signa uma política de resistência transformacional para formas injustas e desiguais das práticas coloniais.

O pós-colonialismo privilegia as diferenças mais que as semelhanças. Sua visão política é pluralista e anti-hegemônica, celebra a mestiçagem, o hibridismo, o que está a margem, foi silenciado e negado, ao mesmo tempo problematiza todas as formas de subalternidade e subjugação. Sua leitura das formas de poder denuncia toda representação sagrada que legitima o 'poder sobre'. Nesta perspectiva as características religiosas dos povos da Amazônia são resultado da confluência, das releituras feitas nas práticas cotidianas: ritmos, cores, danças, linguagens e experiências do transcendente.

A sociedade, assim como a religiosidade na Amazônia brota das muitas tradições religiosas de origens diversas: seus mitos fundadores, seus deuses ou semideuses, encantados, seus santos e rezas. Contudo, são estes elementos constitutivos das tradições religiosas que conferem sentidos e significados para a vivência do cotidiano e os confrontos com a história. As relações construídas com o colonizador europeu, o afrodescendente, o nordestino, o asiático ao longo das etapas da história exigem produzir uma nova visão da "Amazônia", a partir da escuta das narrativas complexas da religiosidade de seus povos. No âmbito religioso o ambiente amazônico é o lugar dos sincretismos, da mestiçagem e do hibridismo. Ainda estamos por desvendar, interpretar suas representações e significados traduzidos aqui pelas religiões, mitologias indígenas e africanas, pelas práticas de pajelança desenvolvidas pelas comunidades rurais e urbanas, pelas visões de santos e de visagens, pelos encantados e pelos círios e procissões dedicadas a Nossa Senhora, pela religião do Santo Daime com sua beberagem, pelos cultos afro-amazônico, as experiências de possessão diabólica e do Espírito Santo nos cultos pentecostais.

Na Amazônia, mesmo entre os distintos povos nativos, é possível desenvolver «relações interculturais onde a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquias de um poder sobre os outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança». (QAm 38).

Na Amazônia é necessário compreender seu contexto sócio-histórico-religioso a partir da interculturalidade assumida como base para compreender no passado e na atualidade a interação entre culturas e tradições religiosas.

A religiosidade na Amazônia é composta da contribuição de muitas tradições religiosas de origens diversas. Nossas sociedades são resultado de um intenso processo histórico de convergência de culturas. O que se pensou foi que este processo teria como resultado uma homogeneização cultural, mas o que ocorreu foi um processo de interação e influência entre culturas, umas com as outras, em que as diferenças permanecem e ao mesmo tempo evoluem. Na Amazônia a convergência histórica da cultura indígena com a cultura ibérica, afro, nordestina fez nascer um contexto intercultural particular. Num longo processo histórico houve influências recíprocas que ainda hoje geram convergências e divergências, porém sempre num dinamismo relacional. Aspectos e elementos culturais e religiosos indígenas estão presentes no cotidiano dos amazônidas. Assim como muitos elementos ocidentais passam a fazer parte da vida dos povos da região, principalmente no aspecto linguístico.

O projeto colonizador procurou elaborar representações de inferiorização e demonização da cultura daqueles que foram colonizados, construindo formas de 'poder sobre'. Deste modo, as culturas e as sociedades locais foram dominadas e exploradas, implicou a destruição da estrutura social, a população colonizada foi despojada dos seus saberes e sabores. Os povos tradicionais da Amazônia, assim como escravos africanos foram entendidos como 'rurais e iletrados'. O homem branco burguês ocidental se autoconsiderou o sujeito adequado para governar. Ser civilizado, heterossexual, cristão, capaz de raciocinar e agir adequadamente. Os povos tradicionais, assim como escravos africanos são entendidos como não humanos ou semi-humanos, seres selvagens. A mulher no contexto colonizador é aquela que reproduz e perpetua o poder de dominação masculina e do capital. A mulher idealizada é relacionada principalmente pela pureza e fidelidade matrimonial, passividade, dócil e confinada ao lar.

Cada povo, que conseguiu sobreviver na Amazónia, possui a sua própria identidade cultural e uma riqueza única num universo multicultural, em virtude da estreita relação que os habitantes estabelecem com o meio circundante, numa simbiose – de tipo não determinista – difícil de entender com esquemas mentais alheios:

«Havia outrora uma paisagem que despontava com seu rio, seus animais, suas nuvens e suas árvores.

Às vezes, porém, quando não se via em lado nenhum a paisagem com seu rio e suas árvores, competia a tais coisas assomar à mente dum garotinho».

«Do rio, fazes o teu sangue (...).

Depois planta-te,

germina e cresce

que tua raiz

se agarre à terra

mais e mais para sempre

e, por último,

sê canoa,

barco, jangada,

solo, jarra,

estábulo e homem». (QAm 31).

Em comparação a racionalidade dos povos das terras amazônicas que possuem uma raiz agrária, a natureza é sentida como matriz, útero de vida com a qual o ser humano está umbilicalmente conectado. Participar de sua vida exige outra lógica, distinta daquela da materialização e coisificação da natureza que leva a uma concepção de desenvolvimento depredador da oikos. A racionalidade científica de conhecimento da natureza tem como finalidade afirmar a superioridade e o domínio humano sobre o mundo criado. Ao contrário, conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres.

Só poderemos escutar os apelos que brotam da história na Amazônia, na medida em que estivermos disponíveis a aprender a resistência encarnada em seus povos e na sua dinâmica cósmica, ao mesmo tempo em que se busca nas tradições culturais, religiosas e comunitárias o que não foi totalmente desfigurado e destru-

ído pela dominação colonizadora. Resistência como característica da missão na Amazônia significa contribuir para eliminação de tudo que nos leva a perpetuar a mecânica avassaladora do império que hoje chega nesta realidade com nomes de ‘desenvolvimento sustentável’: monoculturas, migrações forçadas, polos industriais, barragens, mineração e outros.

Se o cuidado das pessoas e o cuidado dos ecossistemas são inseparáveis, isto torna-se particularmente significativo lá onde «a floresta não é um recurso para explorar, é um ser ou vários seres com os quais se relacionar». A sabedoria dos povos nativos da Amazônia «inspira o cuidado e o respeito pela criação, com clara consciência dos seus limites, proibindo o seu abuso. Abusar da natureza significa abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro». Os indígenas, «quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuidam», desde que não se deixem enredar pelos cantos das se-reias e pelas ofertas interesseiras de grupos de poder. Os danos à natureza preocupam-nos, de maneira muito direta e palpável, porque – dizem eles – «somos água, ar, terra e vida do meio ambiente criado por Deus. Por conseguinte, pedimos que cessem os maus-tratos e o extermínio da “Mãe Terra”. A terra tem sangue e está sangrando, as multinacionais cortaram as veias da nossa “Mãe Terra”». (QAm 42).

PACHAMAMA, AMAZÔNIA

A compreensão da Amazônia antes de ser científica, biológica, geológica, é indígena. É na compreensão mais profunda da relação entre seres humanos e natureza, captada e vivida pela sabedoria indígena, que se pode perceber a visão da Amazônia. Resgatar a relação humanidade e terra, corpo e terra, terra sagrada que somos todos, somos presença e dom de Divino.

Com as comunidades diversificadas temos que aprender a nos tornarmos uma sociedade sustentável, ou seja, que produz o suficiente para si e para os seres vivos dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão.

Pachamama, Amazônia, oikos, casa comum nos leva a refletir sobre a relação entre gênero e teologia. Conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres. O cristianismo como religião e sua elaboração teológica esteve sempre dominada pela perspectiva do masculino. Sua linguagem, símbolos, sua estrutura sócio religiosa foram e são marcados pela lógica patriarcal. A ausência de uma análise crítica principalmente da masculinidade hegemônica na teologia cristã, como categoria construída, reforçou a noção de que Deus é masculino. Masculinidade então se tornou normativa para o ser humano. Uma categoria que, no cristianismo parece estar imune à análise crítica e a desconstrução.

O instrumental de gênero não pretende ser uma ferramenta absoluta de análise, mas ferramenta que ajude a perceber que as relações de subordinação de gênero não são naturais e assim encontrar caminhos de desconstrução. A tarefa que se impõe é uma análise crítica do imaginário religioso de Deus como ser masculinizado que consequentemente posiciona o homem tanto na igreja como na sociedade, como um ser humano de privilégios. Estes privilégios de modo geral no contexto cristão se evidenciam na relação com o sagrado e no exercício da autoridade religiosa. Os ideais da masculinidade elaborados e naturalizados pela teologia e pelo discurso religioso nos desafiam no contexto atual a descobrir uma trajetória alternativa para a vivência cristã no mundo, no campo da espiritualidade, na releitura do Texto Sagrado, na formulação teológica e dogmática, enfim nas relações de poder e expressões da sexualidade.

A destronização do teocentrismo cristão deu espaço para formas de ateísmo e de pluralismos religiosos, mas não fez desaparecer a compreensão do homem como imagem de Deus e da masculinidade como divinizada. A noção de masculinidade hegemônica presente na sociedade e legitimada por estruturas, dogmas e interpretações bíblicas, precisam ser desconstruídas. Isto significa buscar outras representações presentes na teologia cristã e na leitura das Escrituras. Responder as interrogações: o patriarcalismo que se

legítima numa visão teológica de um Deus masculinizado como legítima o poder do 'homem' sobre a mulher, sobre outros homens, a natureza? Qual sua relação com o poder, a dominação, a violência e a riqueza que marca a história do ocidente cristão? Como essa masculinidade se reproduz e se perpetua no contexto da religião? Como ela mantém relações sociais que geram a dominação da mulher e de outras expressões de masculinidade?

O sistema patriarcal pretende apresentar um modelo homogêneo do pai, como parte essencial da construção hegemônica da dominação do varão sobre a mulher. Imagem que inclui papéis, competências, hábitos, valores, formas de pensar e inclusive formas institucionais como leis ou normas. Construção que o sistema patriarcal faz em oposição às imagens femininas-maternas. Uma oposição que serve de base para a dominação patriarcal e para todas as alienações que brotam dela, ao considerar as imagens paternas como as mais importantes.

Durante séculos, os povos amazônicos transmitiram a sua sabedoria cultural, oralmente, através de mitos, lendas, narrações, como sucedia com «aqueles primitivos jograis que percorriam as florestas contando histórias de aldeia em aldeia, mantendo assim viva uma comunidade que, sem o cordão umbilical destas histórias, a distância e a falta de comunicação teriam fragmentado e dissolvido». Por isso, é importante «deixar que os idosos contem longas histórias» e que os jovens se detenham a beber desta fonte. (QAm 34).

LANÇANDO PONTE ENTRE SABEDORIAS

Não podemos deixar de incentivar os talentos populares que deram às mulheres tanto protagonismo na Amazônia, ... Numa Igreja sinodal, as mulheres, que de facto realizam um papel central nas comunidades amazónicas ... (QAm 102-103).

Palavras que testemunham a essencialidade da mulher na Igreja da Amazônia, mas que ao mesmo tempo a teologia eclesial escolhida a colocam a margem, a silenciam não reconhecendo-a sujeito no 'que fazer' teológico, nos ritos e sacramentos, nos espaços de decisão. É a este silêncio que quero dar voz.

Nas últimas décadas, feministas redescobriram e recriaram as tradições submersas da Divina Sabedoria em todo o seu esplendor e em todas as suas possibilidades. Teólogas feministas descobriram, de modo qualitativamente novo, a criatividade de sabedoria/Sabedoria e procuram a presença Dela nos espaços “no meio”, os espaços vazios entre as palavras da bíblia. Procuram “escutar a Sabedoria para que possa falar”, na expressão cunhada por Nelle Morton, uma das primeiras teólogas e professoras feministas da sabedoria/Sabedoria que reconheceu que “*a Sabedoria é feminista e insinua uma existência anterior a Palavra*”. (SCHUSSLER 2009, p. 35).

Vos convido a visitar comigo esta Terra Sagrada que nos conecta na Terra Sagrada da sabedoria dos povos originários.

A DANÇA DA SABEDORIA

Na bíblia, “Espírito/Ruah – Presença/Shekinah – Sabedoria/Hokmah” são termos gramaticalmente femininos. Referem-se a figurações femininas na Bíblia Hebraica, muito semelhante entre si, que expressam a presença salvífica da Divindade no mundo. Representam aquele aspecto do Divino que está envolvido nos assuntos da humanidade e da criação.

*Nela há um espírito inteligente, santo, único, múltiplo, sutil,
ativo, incisivo, imaculado, lícido, invulnerável,
benevolente, agudo,
irresistível, benfazejo, amigo dos seres humanos,
firme, seguro, sereno,
tudo podendo, tudo abrangendo, penetrante,
um espírito todo-inteligente, puro, e altamente sutil.
A Sabedoria é mais móvel de qualquer movimento,
E, por sua pureza, tudo atravessa e permeia.
Ela é um sopro do poder de Deus, uma emanção
puríssima da glória divina,
Pelo que nada de impuro nela se introduz.
Pois Ela é emanção da luz eterna,
reflexo nítido da atividade de Deus
imagem de sua bondade.*

*Embora só, ela tudo pode;
sem mudar em nada, tudo renova
e, entrando nas almas santas de cada geração,
delas faz amigas de Deus e profetas;
pois Deus ama só quem habita com a Sabedoria.
Ela é mais esplendida do que o sol,
brilha mais forte que todas as constelações:
comparada à luz do dia, sai ganhando,
pois a luz cede lugar à noite,
ao passo que sobre a Sabedoria jamais prevalece o mal.
(Sb 7,22-30).*

A teologia tradicional concentrou-se no Espírito que, em latim, é gramaticalmente masculino. Feministas judias redescobriram a espiritualidade da *Shekinah*, pois ela possui um papel importante em algumas tradições judaicas, e feministas cristãs – especialmente católicas –, por sua vez, elaboraram a figura feminina da Sabedoria Divina, chamada em grego *Sophia* e em latim *Sapientia*. A Divina Sabedoria-Hohmah-Sofia-Sapientia desempenha um papel importante na teologia ortodoxa, mas menos importante na teologia ocidental moderna.

Estudos feministas recentes mostraram que mulheres pós-exílicas em Israel e mulheres judaico-helenistas no Egito perceberam a Divina Sabedoria prefigurada na linguagem e imagem de Deusas egípcias, Maat e Ísis, ou gregas, Atena e Dike. Segundo uma oração muito conhecida, todas as nações e povos usam títulos divinos derivados de suas próprias mitologias quando invocam a Deusa, Ísis. Fazem isso em plena consciência de que Ísis é uma só, mas engloba todas. Do mesmo modo como a Deusa Ísis, assim também a Divina Sabedoria usa o estilo proclamatório do “*Eu sou*” para anunciar sua mensagem universal de salvação:

*A Sabedoria faz seu próprio elogio,
ela se gloria no meio do povo ...
Cresci como o cedro do Líbano,
como o cipreste no Monte Hermon.
Cresci como a palmeira em Engadi, como roseira em Jericó,
como formosa oliveira na planície, cresci como plátano.
Eu, como a videira, fiz germinar graciosos sarmentos*

*e minhas flores dão os frutos da glória e riqueza.
 Vinde a mim, todos os que desejais, fartai-vos de meus frutos.
 Porque a minha lembrança é mais doce do que o mel,
 os que me comem terão ainda fome,
 os que me bebem terão ainda sede.
 (Eclo 24,1.13-14.17-21).*

Como o culto muito difundido de Ísis, também os multifacetados discursos da Sabedoria, criados pelas pessoas sábias palestinas pós-exílicas, elaboraram a imagem e a figura da Divina Hokmah-Sabedoria como “o outro” nome de Deus. seus caminhos são caminhos de justiça e de bem-estar. Na figura da Hokmah-Sofia-Sapientia-Sabedoria, antigos escritos judaicos procuram manter unida a fé no Deus “único” de Israel e a linguagem metafórica de um ser divino feminino. Por isso os textos se esforçam para subordinar a Sabedoria a YHWH:

*Eu, a Sabedoria, sou a ama da sagacidade,
 a inventora da lucidez do pensamento.
 Bom conselho e juízo sensato pertencem a mim,
 inteligência a mim, força a mim.
 Odeio orgulho e arrogância, conduta malvada e a boca mentirosa.
 Eu amo a quem me ama, quem me procura
 com zelo há de me encontrar.
 É por mim que reinam os reis e que os príncipes
 decretam leis justas;
 por mim governam os governantes
 e os grandes impõem justiça ao mundo.
 comigo está a riqueza e a honra, os bens duradouros e a justiça.
 O fruto que dou é melhor que o ouro, o ouro mais puro;
 O lucro que gero é melhor que a prata de lei.
 Eu caminho pela senda da justiça, pelo caminho do direito,
 para repartir as riquezas com quem me ama
 e para encher suas dispensas.
 Desde a eternidade, eu fui estabelecida,
 desde o princípio, antes da origem da terra.
 Quando os abismos não existiam,
 eu fui gerada, quando não existiam os mananciais de água.
 Antes que as montanhas fossem implantadas,
 antes das colinas, eu fui gerada;
 ainda não havia feito a terra e a erva,*

*nem os primeiros elementos do mundo.
 Quando Deus firmava os céus, lá estava eu,
 quando Deus traçava a abóbada sobre as faces do abismo;
 quando Deus condensava as nuvens no alto,
 quando se enchem as fontes do abismo;
 quando Deus decretou ao mar seus limites
 - e as águas não invadirão a praia -
 quando Deus assentava os fundamentos da terra,
 eu estava ao lado de Deus, uma artesã-mestra,
 encantando Deus dia após dia,
 sempre brincando na presença de Deus,
 brincando em todas as partes do mundo,
 encantada por estar com as filhas e os filhos da humanidade.
 (Pr 8,12-31).*

Entender a interpretação Sapiencial feminista da bíblia é considerá-la uma prática espiritual no espaço aberto da Divina Sabedoria, pela qual sopra tal qual o vento, o Espírito-Espírita como ela quer. A diferença da espiritualidade tradicional, que é individualista e privada, a prática e o espaço da espiritualidade sapiencial/Sapiencial são públicos. A presença – Shekinah – espiral da Sabedoria é global e abarca toda criação. Sua voz, ao invés de ser feminina e privada, é pública e radicalmente democrática:

*A Sabedoria clama alto pelas ruas,
 Ela levanta sua voz nas praças públicas.
 Ela grita nas esquinas,
 oferece sua mensagem nas portas da cidade.
 (Pr 1,20-21).*

Como profeta ou pregadora de rua, a Sabedoria vai aonde acontecer a vida pública da cidade, a vida jurídica e econômica:

*A Sabedoria porventura não clama?
 O Discernimento porventura não levanta sua voz?
 Sobre as colinas, nas estradas, nas encruzilhadas
 Ela monta seu ponto;
 Nas portas da cidade, nos acessos às portas
 Ela grita alto:
 - Ó gente, estou clamando a vós,
 meu grito dirige-se a toda a humanidade -
 (Pr 8,1-4).*

A Sabedoria abraça o mundo inteiro expressa todas as capacidades humanas.

*Ela estende o seu vigor de um extremo do mundo ao outro
e governa o universo com bondade...
Se, na vida, a riqueza é bem apetecível,
quem é mais rica que a Sabedoria, que tudo opera!
Ou, se é a inteligência que opera,
onde está maior inteligência que a Sabedoria,
artífice de tudo que existe?
Ou, se tu amas a virtude – as virtudes são frutos da Sabedoria,
pois é ela que ensina a temperança e a prudência,
a justiça e a fortaleza
e nada na vida é mais útil que elas.
Ou, se tu anseias uma rica experiência,
Ela conhece o passado e prevê o futuro,
sabe a interpretação das máximas,
e a solução dos enigmas,
prevê sinais e prodígios e o desenrolar das épocas e dos tempos.
... a imortalidade está no parentesco da Sabedoria,
em sua amizade está puro prazer,
na obra de suas mãos, riqueza inesgotável,
no cultivo de sua companhia, inteligência
e reconhecimento na conversação com ela.
(Sb 8,1.5-8.17-18).*

Ela nos convida a entrar na sua casa, casa aberta, participar de sua mesa, alimentadas por ela amadurecer, segui-la em seus caminhos.

*A Sabedoria construiu Sua casa,
Ela ergueu Suas sete colunas.
Ela abateu Seus animais,
Ela misturou Seu vinho,
Ela pôs também Sua mesa.
Ela enviou Suas ministras
para chamar desde os lugares mais altos na cidade ...
– Vinde comer do meu pão
e beber do vinho que eu misturei.
Deixai a imaturidade e vivei,
e andai no caminho da Sabedoria –
(Pr 9,1-3.5-6).*

Vamos entrar nos espaços brancos entre uma palavra e outra. Encontrar a Divina Sabedoria, sentir seu ritmo e nos tornar parceiras em sua dança. Permitir que ela nos leve em suas asas, ousar voar alto, ensaiando passos, figuras novas. Nos deixar levar em seu ritmo.

Ó Sabedoria do Oriente! Ó Sabedoria do Oriente
Sofia, Sofia
Vem respira em nós. Vem respira em nós
Sofia, Sofia.
Ó Sabedoria do Sul! Ó Sabedoria do Sul
Sofia, Sofia
Vem brilha em nós. Vem brilha em nós
Sofia, Sofia.
Ó Sabedoria do Ocidente! Ó Sabedoria do Ocidente
Sofia, Sofia
Vem vive através de nós. Vem vive através de nós
Sofia, Sofia.
Ó Sabedoria do Norte! Ó Sabedoria do Norte
Sofia, Sofia
Vem enraizar-te em nós. Vem enraizar-te em nós
Sofia, Sofia.
 (FULMER apud SCHUSSLER, 2009, p. 212)

DANÇAR A TRINDADE

E neste ritmo, neste passo de dança partilho uma reflexão nascida na festa da Trindade.

As leituras me provocaram a ser herética, pois festa da Trindade (feminina) e depois falamos de Pai – Filho – Espírito Santo (masculino). E lendo as leituras senti vontade de além de herética me tornar transgressora. Deixo a vocês a liberdade de julgar se serei herética e transgressora.

Na tradição da/o Discípula/o Amada/o escutamos estas palavras de Jesus: “*Tenho muitas coisas a vos dizer, mas não podeis suportar. Quando vier o Espírito de Verdade ...*” (Jo 16,12-13). O que é que Ele nos tem a dizer e que não podemos suportar? Quem é o Espírito de Verdade?

Na carta aos Romanos escutamos Paolo afirmar: - *a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado* – (Rm 5,5). Derramar é transbordar: o que o Espírito Santo derrama, faz transbordar? Você me responde o amor. Mas é isso mesmo?

Então recuei até o Livro dos Provérbios, enquanto lia uma música assoprando em minha cabeça, despertando imagens, sonhos, visões ... No silêncio, a música começou a tocar, melodia, ritmo ... Uma música que rompia o compasso da marcha, marcha da ortodoxia, do patriarcado, do kyriarcado. Compasso de marcha de desfile do ter, do poder, do saber, compasso militar. Uma música, melodia-ritmo novo ... antigo ... Espírito ... Spiritus ... Pneuma ... Ruah ... não!

Então recomecei: Ruah ... Shekinah ... Sophia ... Sapientia ... Sabedoria ... Espírita ... E a música se tornou convite a dançar, dançar em ritmo de Sabedoria.

Ritmo de Sabedoria que não é linguagem exclusivamente bíblica e cristã, mas linguagem que encontramos nos imaginários e escritos de todas as religiões conhecidas. Linguagem transcultural, internacional, inter-religiosa.

Ritmo de Sabedoria, possuído pelas pessoas sábias, que se põem à escuta da sabedoria acumulada da perspicácia popular. Sabedoria poder de discernimento, compreensão profunda e criatividade. Capacidade de mover-se e dançar, de fazer associações, saborear a vida e aprender da experiência.

Ritmo de Sabedoria, *Sapientia* derivada do verbo latim *sapere* = *provar e saborear algo*. Sabedoria, inteligência moldada pela experiência e aguçada pela análise crítica; habilidade de fazer escolhas acertadas e tomar decisões que tornam a vida saborosa.

Ritmo de Sabedoria, ritmo da imagem bíblica da Divina Sabedoria-Hokmah-Sofia-Sapientia que incorpora a linguagem e tradições da Deusa. Outro nome de Deus. Em seus caminhos, Ela lidera a dança em ritmo da justiça e do bem-estar comum. Como a leitura de Provérbios nos fala “é a ama da sagacidade, inventora

da lucidez do pensamento... ela ama quem a ama... caminha pela senda da virtude, pelo caminho da justiça”. (Pr 8,12-21).

Ritmo de Sabedoria, presença criadora, presença cósmica que se delicia com a dança da criação, artesã, mestra, professora de justiça. Presença de vida: levanta a voz em lugares públicos e chama quem quiser escutá-la; transgrede, supera as fronteiras, celebra a vida, alimenta as pessoas que querem se tornar suas amigas. Sua casa cósmica não tem paredes nem muros, sua mesa está posta para todas e todos.

Ritmo de Sabedoria, dança da vida, dança do mistério da vida, dança que tece relações que dão à luz a teia da vida. Dança que por Sua presença torna a vida divina. Artesã-Mestra que estando ao lado de Deus o encanta dia após dia, o convida a brincar em todas as partes do mundo. Convida suas filhas e filhos a brincar encantando a Deus. (Pr 8,29-31).

Ritmo de Sabedoria, brincar, dançar. Convite a dançar a dança da vida. Dança que não esconde a perda do compasso, os tropeços, os silêncios e medos, os desencontros e choques, as solidões e recuos. Dança que é leveza, criatividade, liberdade, parceria, cumplicidade, ousadia. Dança leveza no vento da Divina Ruah, da Espírita. Ventania que rompe barreiras, que nos torna heréticas, transgressoras. Livres para nos deixar capturar. Amorasas para nos abandonar em suas asas. Confiantes Nela nossa parceira na dança da Vida.

Então me pergunto: São estes os caminhos por onde nos conduzirá a Espírita da Verdade?

A verdade plena que Ela nos revelará? É este o amor que a Espírita Santa vai derramar em nós? Amor – Trindade – Alteridade – Pluralidade – Diversidade – Comunicação – Convite a Dançar a dança da Vida.

Acredito que este tempo chegou.

A Igreja na Amazônia encontrará seu rosto amazônida?

O encontrará se aceitar o convite de ousar entrar na dança

da Divina Sabedoria, na dança da Ancestral Sabedoria dos povos Originários, dos povos Amazônidas.

Concluo com este hino inspirado na Sabedoria e na memória da comunidade da Discípula Amada que expressam nossa sede de discipulado de iguais, de bem viver, de infinito, de espiritualidade, de vida em plenitude:

*Ó Sabedoria Sofia
 Poder e esplendor de Deus
 Alimenta nossas almas famintas em tua mesa abundante.
 Eu sou o caminho, a verdade e a vida,
 Venham a mim, venham a mim...
 Eu sou a luz que mostra o caminho
 Venham a mim, venham a mim...
 Eu sou a videira, a fonte de teu crescimento
 Venham a mim, venham a mim...
 Eu sou a água viva que mata a sede
 Venham a mim, venham a mim...
 Eu sou o pão vivo que te dá força
 Venham a mim, venham a mim...
 Eu sou a vida derramada em vossos corações
 Venham a mim, venham a mim...
 Eu sou a ressurreição e a vida
 Venham a mim, venham a mim...
 Eu sou a vida de toda criação
 Venham a mim, venham a mim.
 (FULMER apud SCHUSSLER, 2009, p. 203-204)*

PARA REFLETIR:

- Na Amazônia a vida segue sob os ritmos das enchentes e vazantes e isso exige contextualizar a teologia. Em que sentido, podemos usar o termo?
- Como esta perspectiva pode se tornar o chão, a trilha através da qual nós, missionários e missionárias nos inserimos na realidade Amazônica?
- O patriarcalismo que se legitima numa visão teológica de um Deus masculinizado como legitima o poder do 'homem' sobre a mulher, sobre outros homens, a natureza?

- Qual sua relação com o poder, a dominação, a violência e a riqueza que marca a história do ocidente cristão e da colonização da Amazônia?
- Como essa masculinidade se reproduz e se perpetua no contexto da religião?
- Como ela mantém relações sociais que geram a dominação da mulher e de outras expressões de masculinidade?
- Como é barreira para forjar um Igreja com rosto Amazônico?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. Roma: Vaticano, 2020.

BRENNER, Athalia. *Gênesis*. A partir de uma leitura de gênero. Paulinas: São Paulo 2000.

CAPRA, Fritjof. *Educação*. In: TRIGUEIRO, A. (org.). *Meio Ambiente no século XXI*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CASTRO, Ricardo Gonçalves. em repam.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Ecoteologia-revista-2-edicao.pdf

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos de Sabedoria*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de iguais*. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth (ed.). *La exégesis feminista del siglo XX*. La Bíblia das Mulheres: El presente. Estella: Verbo Divino, 2015